



## VINÍCIUS DE MORAES E A TRANSIÇÃO ESTILÍSTICA DA CONCEPÇÃO AMOROSA: DO POETA RELIGIOSO AO POETA DOS PRAZERES

Data de recebimento: 25/02/2017

Aceite: 21/03/2017

Yasmin Ferreira KASAHARA (UEPA)<sup>1</sup>

Raphael Bessa FERREIRA (UEPA)<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo analisar as duas fases da poesia de Vinícius de Moraes, mais precisamente no que se refere às possíveis mudanças no estilo poético com o qual o autor aborda o amor em seus textos. Para isso, selecionou-se poesias de ambas as fases do escritor a fim de comprovar que essa transição promove tanto uma alteração na abordagem do sentimento amoroso quanto na mudança de estilo de uma fase para outra em função da carga ideológica presente na escolha lexical realizada pelo autor. Dessa forma, os pressupostos teóricos de Martins (1989), Lapa (1991) e Paz (1994) serão de grande valia às propostas aqui empreendidas, de modo a dar conta dos objetos a serem averiguados na pesquisa.

**Palavras-chave:** Vinícius de Moraes. Estilística. Amor. Carne x Espírito.

**Abstract:** The present work has as objective to analyze wich phases of the poetry of Vinícius de Moraes, regarding the possible changes in the poetic style with which the author approaches the love in his texts. In order to do so, we will analyze the poetry from both phases of the writer in order to prove that this transition promotes a change in the approach to love feeling and in the change of style from one phase to another, due to the ideological load present in lexical choice performed by the author. Thus, the theoretical assumptions of Martins (1989), Lapa (1991) and Paz (1994) will be of great value to the proposals made here, so as to account of the objects to be investigated in the survey.

**Keywords:** Vinícius de Moraes. Stylistics. Love. Carnal x Spiritual.

### Introdução

Vinícius de Moraes, segundo alguns autores, teve sua produção poética dividida em dois momentos. Contudo, a respeito dessas duas fases, a crítica literária, ou a fortuna crítica que investiga a obra do poeta, frequentemente vem se debruçando apenas na questão das mudanças temáticas de uma fase para a outra, mais precisamente no que diz respeito ao modo como o

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura Plena em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa – pela Universidade do Estado do Pará. Belém. Brasil. E-mail: [yasminkpink@hotmail.com](mailto:yasminkpink@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professor Assistente IV da Cátedra de Estudos Literários da Universidade do Estado do Pará. Doutorando do Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Mestre em Literatura Brasileira pelo CES/JF. Graduado em Letras – Língua Portuguesa – pela UNAMA. Belém. Brasil. E-mail: [ru\\_98@hotmail.com](mailto:ru_98@hotmail.com)



sentimento amoroso é abordado, relegando as questões do estilo e do formato da obra poética a um segundo plano.

Sonia Marrach (2000) ressalta que Vinícius de Moraes produzia poesias inicialmente metafísicas, ou sublimes, destacando estas dentro de uma “primeira fase” do autor. Neste momento, as temáticas das obras eram voltadas à paixão espiritualizada, vista, contudo, sob a égide da formação religiosa cristã, em que certo sentimento de culpa acabava sobressaindo. Marrach afirma ainda que, com o passar do tempo, o poeta foi gradativamente modulando seus versos a uma perspectiva mais sensualista, com contornos eróticos e carnais.

Não é à toa que Vinícius é considerado o “poeta da paixão”. Inclusive, há uma biografia sobre o autor, escrita por José Castello (1994), com este mesmo título, que, não por acaso, passou a designar esta verve do “poetinha”. Isso ocorre devido ao fato do poeta destacar o sentimento amoroso como algo essencial em suas obras, seja de forma mais melancólica e espiritual, seja de forma mais carnal. Castello também ressalta essa divisão poética, evidenciando no início da trajetória de Vinícius um poeta religioso e cheio de conflitos (puramente metafísico), e depois, num segundo momento, um poeta de índole carnal, ansioso ante os desejos mundanos.

Em princípio, o amor fora definido como tema do presente estudo, mas, posteriormente, definiu-se que o tema seria a questão da análise estilística atrelada à análise do conteúdo amoroso, o que seria bem mais relevante de ser estudado, até mesmo por não ser tão pesquisado, criticado e salientado pelos autores da fortuna crítica de Vinícius de Moraes, de um modo geral. Algo interessante a se abordar é o aspecto estilístico da obra, pois não é só o conteúdo de uma poesia que define e revela quem é o poeta, mas também o estilo de escrever, o qual torna-se marca de sua poesia, que, juntamente com o conteúdo, contribui para a construção da sua identidade enquanto poeta.

Logo, o intuito da presente pesquisa é verificar as possíveis mudanças na abordagem do tema amoroso em cada momento dessa poética de Vinícius de Moraes, bem como o seu estilo de escrever em cada um de seus momentos, ou fases. Destaca-se ainda reconhecer como, em um segundo momento, numa nova fase e com um novo estilo de escrever, se espelha no texto poético a principal influência de uma decisão tomada pelo poeta: o seu desligamento da Igreja Católica.

Ressaltando-se como mote da pesquisa as mudanças no estilo de Vinícius, atreladas às ideologias do poeta, selecionou-se um *corpus* de quatro poesias, sendo duas de cada fase:



“Ausência” e “Ânsia”, pertencentes à 1ª fase; e “Soneto da mulher ao sol” e “Ausente”, oriundos da 2ª fase. Será feita a análise de tais poesias com fundamentos na teoria do Estilo, ou Estilística, mais precisamente a partir do pensamento de autores tais como Martins (1989), Lapa (1991).

## 1. Análise dos poemas

### 1.1. Vinícius de Moraes: o poeta religioso

“Ausência”

Eu deixarei que morra em mim o desejo de amar os teus olhos que são doces  
Porque nada te poderei dar senão a mágoa de me veres eternamente exausto.  
No entanto a tua presença é qualquer coisa como a luz e a vida  
E eu sinto que em meu gesto existe o teu gesto e em minha voz a tua voz.  
Não te quero ter porque em meu ser tudo estaria terminado  
Quero só que surjas em mim como a fé nos desesperados  
Para que eu possa levar uma gota de orvalho nesta terra amaldiçoada  
Que ficou sobre a minha carne como nódoa do passado  
Eu deixarei... tu irás e encostarás a tua face em outra face  
Teus dedos enlaçarão em outros dedos e tu desabrocharás para a madrugada  
Mas tu não saberás que quem te colheu fui eu, porque eu fui o grande íntimo da noite  
Porque eu encostei minha face na face da noite e ouvi tua fala amorosa  
Porque meus dedos enlaçaram os dedos da névoa suspensos no espaço  
E eu trouxe até mim a misteriosa essência do teu abandono desordenado.  
Eu ficarei só como os veleiros nos portos silenciosos  
Mas eu te possuirei mais que ninguém porque poderei partir  
E todas as lamentações do mar, do vento, do céu, das aves, das estrelas  
Serão a tua voz presente, a tua voz ausente, a tua voz serenizada.  
(MORAES, 1998, p.49).

O poema “Ausência” pertence ao livro *Forma e Exegese*, publicado em 1935, tem como temáticas principais o amor espiritual e o conflito carne x espírito, evidente no uso dos paradoxos. Esta obra pertence, portanto, à primeira fase poética de Vinícius de Moraes.



No poema “Ausência” nota-se, de antemão, a presença do recurso retórico do paradoxo. Apesar de o poeta exaltar a pessoa amada, ele também usa palavras que expressam sentimentos sombrios, com uma carga semântica negativa. Lexias como “morra”, “mágoa”, “exausto”, “terminado”, “desesperados” e “amaldiçoada” são utilizadas para representar o estado no qual o poeta se encontra, provavelmente por viver o famoso conflito carne x espírito. O Eu-lírico ama, mas não pode entregar-se aos “prazeres da carne”. Logo, ao mesmo tempo em que utiliza palavras consideradas amenas para descrever a pessoa amada, o poeta também se vale do uso de palavras como as citadas acima, de campo semântico oposto.

O autor selecionou lexias consideradas expressivamente fortes, com essa carga negativa bem evidente, justamente para criar a atmosfera densa na qual o eu-lírico se encontrava. Ou seja, o autor seleciona palavras que evocam melhor essa imagem de sofrimento excessivo, ou de dor extrema. Palavras que trazem imagens vivas e claras de muita tristeza. Como afirma Lapa:

Vemos pois que, em volta de cada palavra ou, para melhor dizer, de certas palavras, se estabelece uma atmosfera fantástica e sentimental que constrói seu valor expressivo. Há, evidentemente, palavras mais evocadoras do que outras. O bom escritor saberá aproveitá-las, para suscitar mais vivas e variadas imagens. (LAPA, 1991, p.12).

A sensação que se tem com a escolha dessas palavras é a de que o eu-lírico ama, contudo não pode concretizar carnalmente o amor por temer “cair em pecado”. As poesias de Vinícius refletiam bem isso, visto que o autor tinha uma vida voltada à formação católica, ligada ao Centro Dom Vital. Logo, nota-se que essa seleção de lexias e o estilo de escrever do poeta supracitado são influenciados pela sua experiência de vida. Como afirma Martins (1989, p.7): “O estilo do escritor reflete a sua maneira individual de expressar-se, reflete o seu mundo interior, a sua vivência”.

Por outro lado, são utilizadas ainda no poema palavras como “luz”, “vida” e “fé” para compará-las à presença da pessoa amada. O uso dessas palavras evidencia a influência religiosa do poeta, já que o amor espiritualizado não pode fazer referências carnis à pessoa amada, e sim referências que sejam adequadas a uma pessoa extremamente envolvida com a religião cristã. Ou seja, nada melhor do que comparar a pessoa amada à luz, à vida e à fé, coisas que



não são palpáveis, sendo etéreas. Desta forma, percebe-se que tais vocábulos evidenciam a ausência de contato físico com a pessoa amada.

Nessa primeira fase, como já dito anteriormente, há um uso frequente de palavras que designam sentimentos mais sombrios, dolorosos e/ou pessimistas. O poeta não expressava um desejo de ter a pessoa amada ou mesmo de um contato físico com ela, como ocorre na segunda fase. Muito pelo contrário, pensar em ter a pessoa amada de forma carnal geraria no poeta um sentimento de culpa. E é por isso que o poeta escolhe palavras de carga semântica pessimista para dizer o que aconteceria se ele tivesse a pessoa amada: “não te quero ter porque tudo em meu ser estaria terminado”. Nota-se aqui a semelhança com o platonismo por meio das noções idealizadas do sentimento amoroso.

Não é por acaso que o título é “Ausência”, afinal este nome carrega o que há de mais relevante e marcante no poema. Outras palavras confirmam isso, como “só” e “abandono”, em que fica claro qual será o destino do eu-lírico, uma vez que ele terá que aprender a conviver sem a presença física da amada pelos motivos explicitados anteriormente. Ao utilizar essas lexias juntamente com a escolha do título do poema, nota-se que o autor queria mostrar como sua vida amorosa seria envolta por uma solidão, motivada pela ausência de quem ele amava, por mais que no poema o eu-lírico desejasse a presença da amada. Fica evidente, então, que apesar de muito querer a pessoa amada, o eu-lírico viverá esse amor sozinho, com seus pensamentos, vendo-a até na natureza, mas nunca a tendo por causa de sua visão de mundo, de sua base ideológica cristã. É algo que mais uma vez remete ao amor platônico. Como disse Paz (1994, p.46): “Na verdade, para Platão o amor não é propriamente uma relação: é uma aventura solitária”.

Ademais, observa-se que apesar de não haver uma concretização física desse amor, o eu-lírico se contenta em materializar a voz da amada em elementos da natureza, tornando-a ausente corporalmente, mas presente na natureza. Os vocábulos “presente” e “ausente” representam bem tudo o que ele viveu nesse poema, e não é à toa que essas duas palavras, completamente opostas, mesclam-se ao se definir a voz da amada, que será tão ausente quanto presente, pois evidencia o paradoxo expresso nos versos iniciais. Esses duas lexias resumem a situação do eu-lírico, pois há o sentimento de ausência física, carnal da amada, mas em contrapartida sempre haverá a presença dela. Onde? Nos seus pensamentos. Característica própria de um amor espiritual.



“Ânsia”

Na treva que se fez em torno de mim  
Eu vi a carne.  
Eu senti a carne que me afogava o peito  
E me trazia à boca o beijo maldito.  
Eu gritei.  
De horror eu gritei que a perdição me possuía a alma  
E ninguém me atendeu.  
Eu me debati em ânsias impuras  
A treva ficou rubra em torno a mim  
E eu cá!  
As horas longas passaram  
O pavor da morte me possuiu.  
No vazio interior ouvi gritos lúgubres  
Mas a boca beijada não respondeu aos gritos  
Tudo ficou na prostração.  
O movimento da treva cessou ante mim.  
A carne fugiu  
Desapareceu devagar, sombria, indistinta  
Mas na boca ficou o beijo morto.  
A carne desapareceu na treva  
E eu senti que desaparecia na dor  
Que eu tinha a dor em mim como tivera a carne  
Na violência da posse  
Olhos que olharam a carne  
Por que chorais?  
Chorais talvez a carne que foi  
Ou chorais a carne que jamais voltará?  
Lábios que beijaram a carne  
Por que tremeis?  
Não vos bastou o afago de outros lábios  
Tremeis pelo prazer que eles trouxeram  
Ou tremeis no balbúcio da oração?  
Carne que possui a carne  
Onde o frio?  
Lá fora a noite é quente e o vento é tépido  
Gritam luxúria nesse vento  
Onde o frio?  
Pela noite quente eu caminhei...  
Caminhei sem rumo, para o ruído longínquo  
Que eu ouvia, do mar.  
Caminhei talvez para a carne  
Que vira fugir de mim.  
No desespero das árvores paradas busquei consolação  
E no silêncio das folhas que caíam senti o ódio  
Nos ruídos do mar ouvi o grito de revolta



E de pavor fugi.  
Nada mais existe para mim.  
Só talvez tu, Senhor.  
Mas eu sinto em mim o aniquilamento...  
Dá-me apenas a aurora, Senhor  
Já que eu não poderei jamais ver a luz do dia.  
(MORAES, 1998, p.10-11)

O poema “Ânsia” é do livro *Caminho para a distância*, e foi publicado em 1933. A obra pertence também à primeira fase poética de Vinícius e tem como temáticas o amor espiritual e a culpa que o eu-lírico carrega, influenciado por sua religiosidade.

Neste poema há a presença de lexias como “treva”, “maldito”, “gritei”, “horror”, “perdição”, “ânsias”, “pavor”, “morte”, “sombria”, “dor” e “violência”. Com isso, fica evidente que o poeta as escolheu para representar esse momento como algo extremamente ruim e pavoroso.

A palavra “treva” aparece várias vezes no poema. Essa lexia é bastante utilizada para representar o lado maléfico, sombrio do ser ou ainda o que na ideologia cristã significa o lado oposto a Deus. E o poeta, por ser extremamente católico, a escolheu para representar como ele acreditava estar depois de uma concretização “proibida” (por ser carnal) desse amor, ou seja, em estado de pecado, em dívida com Deus, por ter se entregue aos vícios da carne. Era como se ele saísse da luz e fosse para a treva, algo que teria uma representação religiosa negativa e paradoxalmente positiva, visto que entende-se que nesses momentos de “escuridão” há uma certa aproximação para com Deus, em busca de ajuda, de socorro.

Outra palavra recorrente nos versos é “carne”. Por viver o tão citado conflito carne x espírito (em que deixar o espírito vencer seria a melhor decisão para um religioso como o poeta), Vinícius opta por tal lexia para representar o quanto o seu lado carnal havia sido sobrepujado devido ao beijo. Tanto que as palavras “espírito”, ou “espiritual”, não aparecem no poema, enquanto que “carnal” aparece várias vezes, no intuito de evidenciar o quanto do pecado e dos vícios da carne o rodeava, com seus desejos e instintos inconscientes, o que, de certa forma, solapou a conduta do eu-lírico.

Por conseguinte, nota-se que o eu-lírico, após o beijo sente-se possuído apenas pelo que é visto como lamentável, como a “perdição” e o “pavor da morte”. Ao utilizar essas lexias, o poeta deixa evidente o quão era pesaroso para sua consciência o pecado cometido, a ponto de sentir sua alma sendo invadida pela perdição, que religiosamente equivaleria a um possível



afastamento do caminho considerado correto, temendo até a morte como um possível castigo (não a morte literal, mas a morte da relação com Deus).

“Ânsia” é uma lexia bem interessante de ser analisada, visto que é o título do poema nada mais significa do que ansiedade. Segundo o dicionário Luft (2008), ânsia é um desejo ardente, mas ao mesmo tempo é aflição, angústia. E quando o poeta coloca “ânsias impuras”, é como se fosse um desejo forte, que causa aflição. Palavras bem escolhidas e combinadas para mostrar que o eu-lírico desejava ardentemente o beijo, ou esse tipo de concretização do amor, mesmo sabendo que isto o faria ceder aos “prazeres da carne”. Trocando em miúdos, seria um querer e não poder que o atormentava.

É importante destacar ainda que o eu-lírico afirma “que eu tinha a dor em mim como tivera a carne”, sentença na qual é notada dependência “que eu tinha...como tivera” entre a dor e a carne. Ou seja, através dessa escolha lexical percebe-se a ideia religiosa tanto quanto o conflito com os prazeres da carne, o que posteriormente descamba à dor da culpa e certo sofrimento por ter deixado a carne ser mais forte que o espírito, por ter “caído em pecado”, já que o prazer físico atrapalharia o seu caminho. Como afirmou Paz: “A severa condenação do prazer físico e a pregação da castidade como caminho para a virtude e a beatitude são a consequência natural da separação platônica entre o corpo e a alma.” (1994, p.46).

A partir disso, o eu-lírico anula a existência de qualquer sentimento por outra pessoa para si, afirmando que “Nada mais existe para mim”. E em meio a tanta tormenta e solidão, ele busca Deus em meio a uma incerteza, tanto é que usa “talvez” para reforçar essa dúvida.

Ademais, o eu-lírico começa a se desfazer do que lhe causara tanto tormento, sentindo o total aniquilamento do seu lado carnal, dos seus desejos e até mesmo do seu eu. Em contrapartida, o momento de redenção ocorre no ator de clamar à luz, contando, portanto, com a intervenção da aurora divina.

## 1.2. Vinícius de Moraes: o poeta dos prazeres

“Soneto da mulher ao sol”

Uma mulher ao sol - eis todo o meu desejo  
Vinda do sal do mar, nua, os braços em cruz  
A flor dos lábios entreabertos para o beijo  
A pele a fulgurar todo o pólen da luz



Uma linda mulher com os seios em repouso  
Nua e quente ao sol – eis tudo o que preciso  
O ventre terso, o pêlo úmido, e um sorriso  
À flor dos lábios entreabertos para o gozo

Uma mulher ao sol sobre quem me debruce  
Em que beba e a quem morda e com quem me lamente  
E que ao se submete se enfureça e seduz

E tente me expelir, e ao me sentir ausente  
Me busque novamente- e se deixa a dormir  
Quando, pacificado, eu tiver de partir...  
(MORAES, 1998, p.309)

O poema “Soneto da mulher ao sol” foi publicado em 1956 e faz parte do *Livro de Sonetos*, da segunda fase poética de Vinícius, que tem como conteúdo assuntos cotidianos e discussões dos desejos e prazeres carnavais, sem alguma culpa (como visto na primeira fase do autor).

No primeiro verso do soneto, o eu-lírico descreve a imagem da mulher ao sol, afirmando estar nela o seu desejo. Aqui o autor não se mostra mais como o apaixonado platônico do início da vida poética de Vinícius, ao contrário, já se lança aos instintos sexuais, tanto que o verso “uma mulher ao sol” enseja a ideia de uma mulher despida, ou parcialmente despida. Nota-se que o corpo da figura feminina é descrito de forma sensualizada, o que corrobora a ideia de que o eu-lírico não vê mais na mulher apenas “olhos que são doces” (como no poema “Ausência”), mas sim um ser que lhe desperta intensamente as suas vontades mais carnavais.

Outrossim, nota-se que há outra imagem do beijo, o que na sua primeira fase era visto como algo que lhe enchia de culpa, algo maldito (“E me trazia à boca o beijo maldito”, como no poema “Ânsia”). Agora o beijo é expresso sem quaisquer manifestações de medo. Na segunda fase poética, os lábios da mulher já lhe despertam o desejo do beijo, tanto é que o poeta utiliza a lexia “entreaberta” para falar dessa flor dos lábios. Não é por acaso ainda que o autor utiliza a palavra “beijo” sem atrelar-lhe qualquer sentimento de pecado, de culpa. Assim, há de se concordar com o pensamento de Martins (2002, p.252), que afirma existir na segunda fase poética de Vinícius a noção do “temo integrado ao mundo terreno, não mais tomado pelas culpas e dúvidas existenciais dos primeiros anos de poesia”.

Ademais, o poema ressalta que essa mulher, nua, ao sol, é tudo o que ele precisa. Antes ele pensava na mulher amada, mas sempre tornava a pensar no divino, a quem ele realmente



devia fidelidade. Mas agora o autor coloca a figura feminina no cerne de suas discussões, já que ela é “tudo”. A mulher irá, com isso, realizar os desejos do eu-lírico, saciando as vontades carnis deste. Como disse Castello (1994, p. 99): “Agora, porém a mulher não está mais encoberta pela cortina do espírito. A carne se sobrepõe à alma – que passa a ser, então, o sopro que faz o ser humano se mover”.

Diferentemente da primeira fase, em que o eu-lírico sente-se conformado com a ausência da pessoa amada, na segunda fase é explícito o sentimento de saudade ante a figura feminina: “e ao me sentir ausente / me busque novamente”. Aqui fica claro que o eu-lírico não se conformaria com a solidão, como explícito no poema “Ausência”, por exemplo.

É interessante ressaltar ainda que o poeta se descreve como “pacificado”. Dessa vez não estando angustiado, ou transtornado, como nos poemas da primeira fase e nem envolto em um ambiente de tristeza. Agora ele deseja o ato sexual. E isso não é mais um fardo em sua vida, tendo em vista que não há mais o conflito carne x espírito, afinal o eu-lírico não fica mais desejando e sentindo-se culpado, já que nessa fase ele aceita o contato físico e as relações carnis como perfeitamente normais, entendendo que nem por isso estas excluem o sentimento, mas, pelo contrário, só complementam o amor.

“A ausente”

Amiga, infinitamente amiga  
Em algum lugar teu coração bate por mim  
Em algum lugar teus olhos se fecham à ideia dos meus.  
Em algum lugar tuas mãos se crispam, teus seios  
Se encham de leite, tu desfaleces e caminhas  
Como que cega ao meu encontro...  
Amiga, última doçura  
A tranquilidade suavizou a minha pele  
E os meus cabelos. Só meu ventre  
Te espera, cheio de raízes e de sombras.  
Vem, amiga  
Minha nudez é absoluta  
Meus olhos são espelho para o teu desejo  
E meu peito é tábua de suplícios  
Vem. Meus músculos estão doces para os teus dentes  
E áspera é minha barba. Vem mergulhar em mim  
Como no mar, vem nadar em mim como no mar  
Vem te afogar em mim, amiga minha  
Em mim como no mar...  
(MORAES, 1998, p.220)



O poema “A ausente” foi escrito em 1954, e faz parte do livro *Antologia Poética*. Suas principais temáticas são a saudade da pessoa amada, o desejo do retorno desta e as sensações causadas nos corpos de ambos os enamorados ao pensarem um no outro.

Enquanto no poema “Ausência” nota-se a visão do poeta diante do distanciamento físico da amada, para que não “caia em pecado”, no poema “A ausente” de forma alguma a distância se toma como melhor alternativa à saudade da figura feminina, tendo em vista que o poeta lamenta a falta desta, clamando para que ela apareça diante dele em meio às mais prazerosas imaginações.

O eu-lírico deixa claro que a pessoa amada está distante dele, “em algum lugar”, evidenciando esse desconhecimento do lugar onde ela se encontra. Porém, ao mesmo tempo, este expressa não se importar com o paradeiro da amada, visto que “teu coração bate por mim”, ou seja, o eu-lírico mostra-se seguro pelo amor dela.

Num segundo momento do poema, gradativamente são apresentadas várias partes do corpo da mulher: os olhos, coração, mãos e, por fim, os seios. Ora, se na sua primeira fase poética fica evidente o sentimento de angústia do eu-lírico, exausto por conta do conflito carne x espírito que vivia, nota-se na segunda fase certo estado de letargia, de apaziguamento das vontades. No poema o eu-lírico transparece as consequências desse novo estilo de vida, dessa tranquilidade, visto descrever sua pele e seu cabelo suavizados por essa tranquilidade.

No poema “Ausência”, da primeira fase, Vinícius afirma “Não te quero ter porque em meu ser tudo estaria terminado” devido a todos os conflitos que vivia, dentre eles o paradoxo de querer e não poder. E se antes ele negava o seu desejo, agora, no poema “A ausente”, ele a chama, a convidando a estar com ele, a invocando: “Vem, amiga”.

E ainda descrevendo seus desejos, o eu-lírico lança mão de um vocábulo como “peito” para dizer onde ela vai despejar seus suplícios. Enfim, ele usa outra metáfora ao afirmar que o peito dele será tábua de suplícios, ou seja, implicitamente se tem a ideia de que ela poderá descarregar toda a aflição no peito do companheiro.

Ademais, ele utiliza ainda o verbo “mergulhar” para expressar os desejos pela amada. Segundo o dicionário Luft (2008), tal verbo significa “Introduzir (algo) completamente na água ou em outro líquido; Fazer penetrar; afundar; Afundar-se totalmente na água; imergir; Entranhar-se; embrenhar-se”. E, assim, nota-se que o verso “vem mergulhar em mim/como no



mar”, nada mais é do que uma visão metafórica ao intercuro sexual. Da mesma forma, o verso “vem nadar em mim” corrobora o desfrute da relação sexual.

Ou seja, não bastaria apenas ela desfrutar aquele momento, já que o eu-lírico a quer tão envolvida para que aprecie cada parte de seu corpo durante a relação sexual. Trocando em miúdos, ele a quer enlouquecida, levando-a ao ápice do prazer.

### Considerações Finais

Inicialmente, Vinícius de Moraes produziu obras em que a tônica destacava-se por um amor espiritualizado, mais cortês, semelhante ao amor platônico. Um amor que renegava o contato físico e que trazia a culpa devido à influência religiosa, enquanto que, tempos depois, apresentou uma concepção amorosa mais carnal, voltada aos prazeres terrenos e a um desfrutar desse sem culpa nenhuma. E o poeta da paixão não trouxe apenas essa mudança de conceito como também utilizou lexias com uma determinada carga semântica na sua primeira fase e na sua segunda fase: lexias de teor angustiante e doloroso, naquela; e lexias voltadas a sentimentos de tranquilidade e sexualidade, nesta.

E, para isso, por meio da análise estilística, nota-se que o poeta mudou seu estilo. Enquanto na sua primeira fase ele lançou mão de palavras que representavam um eu-lírico triste, angustiado, em que se percebia uma atmosfera pesada, envolta por “trevas” – pelas suas escolhas lexicais, ficava evidente o quão influente o catolicismo era em sua vida – já na sua segunda fase, observa-se que o poeta utilizou lexias que demonstravam o seu desejo em relação à mulher amada.

Ademais, no que se refere à mulher amada, notou-se também uma diferença na escolha das palavras de uma fase para outra. Na primeira fase, o eu-lírico elogia a mulher amada, mas o faz com lexias que são desconectadas do que é carnal, são mais levadas para o que não é palpável; diferentemente da segunda fase, em que o eu-lírico lança mão de palavras com uma carga semântica mais voltada para o que é carnal, destacando detalhes do corpo feminino e deixando claro o quanto este lhe despertava desejos.

Portanto, ficou comprovado que as mudanças de fase na obra de Vinícius de Moraes não se dão apenas em relação às concepções amorosas, antes espiritual e, posteriormente,



carnal, mas também em relação às escolhas lexicais que pudessem expressar tais mudanças ideológicas. Para isso, o poeta selecionou palavras que atendessem a intenções discursivas e, não menos, semânticas que almejava imputar em seus versos.

Por fim, salienta-se que há uma transição não somente de conteúdo, mas também de estilo entre a primeira e segunda fase na produção do autor, e que o poeta da paixão, mesmo sendo um único, apresentou-se em dois por meio das escolhas lexicais: primeiro foi o poeta religioso e depois se tornou o poeta dos prazeres.

### Referências:

- CASTELLO, José. **Vinícius de Moraes: o poeta da paixão/ uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- LAPA, Manuel Rodrigues. **Estilística da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. São Paulo: Ática: 2008.
- MARRACH, Sonia Aparecida Alem. **A arte do encontro de Vinicius de Moraes: poemas e canções de uma época de mudanças**. São Paulo: Escuta, 2000.
- MARTINS, Elisabeth Dias. **Modernismo – 80 anos**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 2002.
- MARTINS, Nilce Sant’Anna. **Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa**. São Paulo: T.A Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.
- MORAES, Vinícius. **Poesia completa e prosa: volume único**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.
- PAZ, Octavio. **A dupla chama: amor e erotismo**. São Paulo: Sciliano, 1994.